

---

## **Da Invisibilização Social à Narrativa Humanizada na Cobertura da Mídia**

### **From Social Invisibility to Humanized Narrative in Media Coverage**

Lethícia Dias de SOUZA<sup>37</sup>  
Franco Dani Araújo e PINTO<sup>38</sup>

#### **RESUMO**

Sequestro do ônibus 174, em junho de 2000, e do ônibus 2520, na Ponte Rio–Niterói, em agosto de 2019. Dois casos e dois tratamentos distintos por parte da mídia. Esta pesquisa parte dos conceitos de jornalismo humanizado e de invisibilidade social para investigar como a mídia abordou os dois casos. A partir da análise de conteúdo, foi analisada a cobertura jornalística de ambos os sequestros. Os resultados evidenciam a adoção de uma narrativa jornalística mais humanizada em 2019 se comparado ao caso ocorrido em 2000.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Jornalismo; Narrativa Humanizada; Invisibilidade Social.

#### **ABSTRACT**

Hijacking of the 174 bus, in June 2000, and the 2520 bus, at Rio–Niterói bridge, in August 2019. Two cases and two different treatments in the media's reports. This research starts from the concepts of humanized journalism and social invisibility to investigate how was the media's approach in those two cases. From the content analysis, the journalistic coverage of both kidnappings was analyzed. The results shows the adoption of a more humanized journalistic narrative in 2019 when compared to the case that occurred in 2000.

#### **KEYWORDS**

Journalism; Humanized Narrative; Social Invisibility.

---

<sup>37</sup> Recém-graduada em Jornalismo da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), e-mail: [lethiciaddsouza@gmail.com](mailto:lethiciaddsouza@gmail.com).

<sup>38</sup> Orientador do trabalho. Professor do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), e-mail: [francodrd@hotmail.com](mailto:francodrd@hotmail.com)

---

## INTRODUÇÃO

O crescimento do fluxo de informações, assim com o imediatismo, oferece cada vez menos tempo para a produção das narrativas. Relatos humanizados, que deveriam resignificar as interações sociais e a linguagem no jornalismo, parecem ainda não ter conquistado um grande espaço nos mais tradicionais veículos de comunicação.

Para compreender melhor as práticas comunicacionais atuais e suas falhas, no que diz respeito à humanização, este trabalho pretende analisar a cobertura midiática de dois sequestros que tiveram grande repercussão no país. Os dois fatos tratam de ônibus que foram tomados por sequestradores no Rio de Janeiro. O primeiro deles, ocorrido no dia 12 de junho de 2000, foi o veículo da linha 174, que ficou detido no bairro Jardim Botânico. O segundo, com o ônibus 2520, ocorreu em 20 de agosto de 2019, na ponte Rio-Niterói. Os casos tiveram desfechos parecidos: ambos os sequestradores foram mortos pelo uso da força policial, algo amplamente explorado durante a cobertura jornalística. Dois acontecimentos semelhantes, porém, duas abordagens completamente diferentes por parte da mídia. No primeiro, fica evidente a invisibilização social e, no segundo, uma narrativa mais humanizada.

A proposta deste trabalho é analisar, à luz dos conceitos de jornalismo humanizado e de invisibilidade pública, se a mídia, cujo conteúdo selecionamos para análise, se propôs a investigar os contextos que permearam os dois acontecimentos. Foram analisados conteúdos dos quatro principais jornais do Brasil, sendo dois de São Paulo e outros dois do Rio de Janeiro: Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, Jornal do Brasil (JB) e O Globo. O período de análise compreendeu os sete dias seguintes aos sequestros de 2000 e de 2019.

## HUMANIZAÇÃO NO JORNALISMO

Em 2013, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Jornalismo<sup>39</sup> surgiam como resultado das mudanças sociais que têm lançado um olhar sobre a necessidade de conexão humana e dever cidadão do jornalismo ao focar na formação de novos quadros, resultando, conseqüentemente, em novas práticas. Anos antes, Medina (2003) já apontava para

---

<sup>39</sup> Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category\\_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 23 out. 2019.

---

essa necessidade em “A arte de tecer o presente”, onde defende que ao se relacionar com os parceiros da aventura contemporânea, o comunicador, preocupado com a humanização, experimenta a interação sujeito-sujeito, bem diferente do enquadramento do outro como objeto a ser relatado. Para ela, um profissional que se adequa a essa lógica deve esquecer o vício de reduzir narrativa, prática que se tornou automática para corresponder ao tempo da produção jornalística, principalmente de reportagens factuais.

As interferências externas que extrapolam essas limitações são consideradas quando o comunicador se coloca aberto a compreender empaticamente a realidade do outro. Caso contrário, as interpretações se tornam superficiais. É o que Fernando Braga da Costa (2008) defende em seu conceito de “invisibilidade social”. A falta de cuidado com a realidade do outro se dá por essa invisibilidade, que, segundo o autor, é uma forma de violência simbólica e material que oprime cidadãos das classes pobres, na cidade ou no campo. Assim, Costa (2008) e Medina (2003) atentam para o papel do jornalista como um agente social responsável pela troca e compartilhamento de informações, sem que se deixe levar pela comodidade de uma observação rasa. É necessário se permitir embarcar nas histórias que serão narradas e absorver todos os lados, para que nenhum personagem seja apagado ou limitado a suas ações.

Nesse contexto de linguagem humanizada no jornalismo, Ijuim e Sardinha (2009) propõem um debate sobre os reflexos diretos das relações empáticas no produto dos comunicadores: as narrativas jornalísticas. Sobre isso, eles reforçam a importância de desconstruir pensamentos, preconceitos e julgamentos antes de compreender o mundo. A narrativa, nessa compreensão, funciona como uma ideia de mundo que se constrói por meio de dimensões éticas e estéticas. Para esses autores, o jornalista planeja suas interferências na interpretação de quem tem acesso aos seus produtos e, por isso, é um agente transformador que deve se atentar a como relaciona suas ideias, para que não preste um desserviço ao jornalismo.

Ainda sobre a necessidade do jornalista se permitir a um entendimento mais profundo das coberturas factuais, Ijuim (2012) enfatiza que não é difícil encontrar equipes de reportagem que, ou se apegam à primeira impressão diante do que observam e fazem pré-julgamentos, censuram, julgam e condenam; ou se apegam cegamente a dados e informações de fontes oficiais, de autoridades, e também julgam e condenam. Assim, a cultura, a história, o não dito, o não revelado no imediato, são desprezados. Montipó e Farah (2009) reforçam que há assuntos

---

delicados e interessantes demais que não podem ocupar as 20 linhas da notícia. Precisam de mais espaço, de mais pesquisa, de maior corpo. E não somente isso. Ser humano é utilizar a alma e o coração para narrar histórias. Nesse aspecto, segundo os autores, a arte de contar histórias, como nos primórdios da comunicação, pode beber da fonte inesgotável da literatura, embora a fonte inspiradora não tenha atraído tanto os jornalistas contemporâneos.

Compreendidos esses conceitos, entende-se que não basta pensar na venda da matéria, na notícia quente, ou no *lead*. Vieira (2002) afirma que é necessário fazer com que a preparação dos futuros jornalistas se dê no sentido de ir além da simples colocação no mercado de trabalho. Segundo ele, o profissional deve estar preocupado em ser mais que uma peça na engrenagem, e é na Academia que está a maior responsabilidade por uma mudança da prática profissional.

### **OS SEQUESTROS DOS ÔNIBUS 174 E 2520**

No dia 12 de junho de 2000, o ônibus da linha 174, no Rio de Janeiro, foi sequestrado e detido por cinco horas, no bairro Jardim Botânico. Por volta das 14h, Sandro Barbosa do Nascimento, de 21 anos, entrou armado no transporte coletivo e fez dez passageiros reféns. A polícia interceptou o veículo em frente ao Parque Lage, ponto turístico do Rio de Janeiro. Durante as negociações com os policiais, Sandro ameaçava matar as pessoas que estavam dentro do ônibus e chegou a forjar a morte de uma delas.

Após as cinco horas, Sandro desceu do transporte com uma refém, Geiza Gonçalves, de 20 anos, utilizando-a como um escudo enquanto apontava uma arma para a cabeça da jovem. Quando saíram do ônibus, um policial atirou contra o sequestrador, que revidou os disparos, mas na ação Geiza foi baleada e morreu. Depois da morte da refém, Sandro foi imobilizado por policiais e levado para o hospital. Ele morreu asfíxiado pelos militares, dentro da viatura, antes de receber atendimento médico.

O outro caso aconteceu na manhã do dia 20 de agosto de 2019, quando o ônibus da linha 2520, que fazia traslado entre o Rio de Janeiro e Niterói, foi sequestrado na ponte que interliga as duas localidades. Willian Augusto da Silva, de 20 anos, fez 39 reféns utilizando uma arma que, após o desfecho, descobriram ser de brinquedo. No decorrer da manhã, Willian ameaçava atear fogo no veículo e chegou a pendurar garrafas pet cheias de gasolina no interior do ônibus. Cerca de três horas depois do início do sequestro, Willian já havia liberado seis reféns e desceu

---

do veículo mais uma vez. Quando o jovem saiu do ônibus, um atirador de elite atirou seis vezes contra ele, matando Willian. A morte foi comemorada pelo sniper, pela população que acompanhava o sequestro no local, e pelo governador do Rio de Janeiro.

## **METODOLOGIA**

A metodologia consiste na análise da cobertura jornalística de ambos os casos de sequestro. Para isso, foram selecionadas reportagens publicadas exclusivamente nos portais de notícia de quatro grandes jornais: Jornal do Brasil, O Globo, Estadão e Folha de S. Paulo. Em relação ao sequestro de 2000, naquele ano apenas a Folha abastecia em tempo real seu portal com reportagens, motivo pelo qual na análise deste objeto de estudo em questão observa-se somente publicações deste referido veículo e não dos demais.

Todos os materiais compilados estão compreendidos em um recorte temporal que tem início na data do sequestro e se estende até uma semana depois, num total de 07 (sete) dias de análise em cada um dos casos. Em relação à cobertura do sequestro de 2000, foram identificadas e selecionadas para análise 22 (vinte e duas) reportagens publicadas do dia 12 ao dia 18 de junho. Sobre o sequestro de 2019, foram identificadas e selecionadas 21 reportagens publicadas entre os dias 20 e 26 de agosto, num total de 43 reportagens.

Para chegar aos resultados desta pesquisa, optou-se pela utilização da Análise de Conteúdo (AC), por meio da qual fizemos apenas um aporte qualitativo, comentando as informações que fazem parte do conteúdo jornalístico em questão. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com base em levantamento de dados, e sem pretensões de tabelamento de variáveis numa abordagem quantitativa.

A escolha do método de análise das reportagens dos telejornais se justifica na argumentação de Bardin (2011), para quem ao analisar o que é publicado nos jornais, é preciso ir além do significado aparente das mensagens. A Análise de Conteúdo, segundo Priest (2011), “propõe transcender o significado aparente das mensagens, resgatando a subjetividade contida nelas”. Para a autora, trata-se de uma ferramenta-chave dos processos de pesquisa na área midiática. Segundo ela, nenhuma outra disciplina das ciências sociais está diretamente preocupada em analisar o conteúdo transmitido nas mensagens da comunicação de massa.

---

## **SANDRO: DE VILÃO A VÍTIMA**

Em 2000, Sandro, que protagonizou o sequestro da linha 174, vivia em situação de rua. Sete anos antes, aos 15 anos, ele fez parte de um outro fato midiático de grande repercussão no país, que ficou conhecida como a Chacina da Candelária. Na madrugada do dia 23 de julho de 1993, policiais militares assassinaram quatro crianças com idade entre 11 e 14 anos, e outros quatro garotos, com idade entre 17 e 19 anos. Os policiais atiraram contra um grupo de mais de 40 crianças, que dormiam próximas à Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. Dentre elas, Sandro, que conseguiu escapar ileso do ataque.

Analisando a cobertura jornalística referente ao sequestro ocorrido em 2000, em textos publicados a partir do dia 12 de junho de 2000, o fato de Sandro ter sido criado na favela é abordado em reportagens pela Folha de S. Paulo, e o argumento sustentado é a de que o rapaz era violento como consequência do lugar de onde veio. Costa (2008) acredita que jovens como Sandro, representantes de uma classe pobre, são oprimidos e violentados simbolicamente por quem vive na posição de privilégio, inclui-se aqui a mídia, e tenta compreender essas realidades a distância. O autor entende que é impossível uma investigação certa e suficiente sem a aproximação do opressor e do oprimido.

Em 13 de junho, a Folha publicou: “*Sequestrador de caso no Rio era foragido da polícia*”<sup>40</sup>. Em uma suíte de outro material, da mesma edição, o texto “*Refém e sequestrador morrem após quatro horas de terror*”<sup>41</sup>, faz menção a Sandro como “criminoso” e “bandido”. E ainda enfatiza o passado de Sandro, o envolvimento com drogas, um possível “pacto com o diabo”, e o fato dele já ter cumprido pena por assalto. Essa última reportagem citada noticiou a morte de Sandro, que naquele momento a mídia acreditava ter sido em consequência da troca de tiros com os policiais. Essas informações referentes ao uso de drogas e passagens pela polícia são disponibilizadas no texto de forma a assumir importância menor do que o fato de Sandro ter sido assassinado, funcionando como uma justificativa da sua morte. Considerando os conceitos de Ijuim e Sardinha (2009), o discurso adotado pela Folha nessas reportagens do dia

---

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u2391.shtml>

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1306200001.htm>

13 é contrário à narrativa humanizada, na qual o jornalista deve se atentar a como relaciona suas ideias, porque existe interferência na interpretação do leitor.

Após o dia 15 de junho, três dias seguintes ao sequestro, é possível verificar nas reportagens da Folha de S. Paulo uma mudança no tratamento em relação ao personagem Sandro. A essa altura, já havia sido confirmado que ele saiu ileso do confronto com a polícia e que a causa de sua morte era a asfixia que sofrera por parte dos policiais, na viatura que o levou até o hospital, já sem vida. Sandro, que nas reportagens anteriores era mencionado como “bandido”, “estúpido maior” e “criminoso”, passou a ser chamado pelo nome e sobrenome. Na mesma data, a Folha publicou as reportagens “*Capitão acusado de matar sequestrador reafirma legítima defesa*”<sup>42</sup>, “*PM admite ter dado ‘gravata’, mas nega que golpe matou sequestrador*”<sup>43</sup> e “*Secretário de Segurança do Rio nega pressão em hospital*”<sup>44</sup>, que denunciam as ações dos policiais. Nelas, repórteres questionam a ação violenta que matou Sandro, além de contestarem o uso da força física no lugar de algemas para imobilizar o jovem.

No dia 16 de junho, a Folha publicou três reportagens: “*Coronel do Bope está depondo no 15ª DP do Rio*”<sup>45</sup>, “*Sindicato abre sindicância para apurar óbito de sequestrador*”<sup>46</sup> e “*PM que atirou em refém não comparece a depoimento*”<sup>47</sup>. No mesmo dia, outro material especial é publicado pelo mesmo jornal. O texto intitulado “*A cultura da morte*”<sup>48</sup>, faz duras críticas à postura dos militares em situações de pressão e aos treinamentos dos profissionais.

Em 18 de junho, uma semana após o sequestro da linha 174, a Folha de S. Paulo publicou a reportagem “*Protestos contra violência no Rio revelam diferenças sociais*”<sup>49</sup>. Nela, são noticiadas duas manifestações contra a violência do Rio. De um lado, os moradores da favela da Rocinha. De outro, moradores de classe média. O texto de Mário Magalhães procura construir a informação de forma completa e incluindo as problemáticas presentes, assumindo uma narrativa mais humanizada. O jornalista procura dar visibilidade para a pauta abordada pelos moradores da Rocinha, sem ignorar as demandas levantadas pelo grupo da classe média,

<sup>42</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u2568.shtml>

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u2596.shtml>

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u2583.shtml>

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u2615.shtml>

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u2624.shtml>

<sup>47</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u2627.shtml>

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1606200006.htm>

<sup>49</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u2704.shtml>

---

concluindo, inclusive, que ambos lutavam por uma mesma causa, porém, não conseguiam estabelecer uma comunicação efetiva por conta das diferenças sociais.

## **RELAÇÃO INEVITÁVEL, MUDANÇA DE NARRATIVA**

Dezenove anos após o sequestro no Jardim Botânico, a população do Rio de Janeiro se depara com um caso semelhante. O veículo, da linha 2520, sequestrado por Willian, virou notícia em diversos jornais. A comparação com o fato ocorrido em 2000 foi inevitável. O portal de notícias do Grupo Globo, o G1 Nacional, não está entre os veículos que nos propusemos analisar, porém, acreditamos ser oportuno repercutir o título de uma matéria publicada no dia 20 de agosto de 2019<sup>50</sup>, logo após o assassinato de Willian por um atirador de elite do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE). O título fazia alusão ao sequestro ocorrido em 2000: *“Há quase 20 anos, sequestro do ônibus 174 teve desfecho trágico no Rio”*. Na matéria, o caso de Sandro é relembrado e associado ao episódio mais recente. Mais do que isso, verifica-se na narrativa do texto a preocupação em contextualizar o que ocorreu com Sandro para além do fato dele ter sequestrado o ônibus. A forma como ele foi morto pelos policiais militares a caminho do hospital e a Chacina da Candelária foram lembrados.

Algumas horas após o fim do sequestro na Ponte Rio-Niterói, o Jornal do Brasil publicou uma reportagem: *“‘Quero comemorar com meus homens’, diz governador do RJ antes de falar com a imprensa”*. O que se percebe no texto é que existe uma preocupação em enfatizar que a polícia precisou escolher entre a vida de Willian e a sobrevivência dos 37 reféns. Por outro lado, chama a atenção uma fala do então governador do Rio De Janeiro, Wilson Witzel. Em entrevista ao jornal, ele cita um desabafo da família, que associa a culpa do sequestro à criação de Willian. A responsabilidade não é questionada pelo governador.

O jornal Estado de S. Paulo (Estadão) também noticiou o crime. Na reportagem publicada no dia 20 de junho, intitulada *“Sequestrador de ônibus na Ponte Rio-Niterói é morto pela polícia do Rio”*<sup>51</sup>, é possível perceber a influência do sequestro de 2000 na cobertura de 2019, como também as falhas relacionadas à humanização, ainda presentes, na narrativa

---

<sup>50</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/20/ha-quase-20-anos-sequestro-do-ônibus-174-teve-desfecho-tragico-no-rio.ghtml>.

<sup>51</sup> Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,ponte-rio-niteroi-e-totalmente-interditada-por-suspeita-de-sequestro,70002974712>



jornalística. Ao longo da reportagem é possível perceber que ainda existe uma preocupação em evidenciar as fichas criminais de pessoas envolvidas em crimes, ainda que a informação não tenha interferência na compreensão dos fatos. É como se o passado criminal funcionasse com uma justificativa para ações mais graves por parte da polícia.

Na reportagem do dia 20 de agosto de O Globo, intitulada *“Parente de sequestrador de ônibus na Ponte Rio-Niterói pediu desculpas a reféns em encontro após ação”*<sup>52</sup>, a abordagem é feita de forma mais sensível e outros pontos são associados à fala da família de Willian, como, por exemplo, um possível quadro depressivo dele e o depoimento de um refém que contou que o sequestrador confessou que queria entrar para a história com o crime, sem o objetivo de machucar ninguém. Ainda na data do sequestro, ao contrário da cobertura midiática de 2000, os jornais publicaram reportagens que questionam a necessidade da morte do sequestrador. As matérias *“Ação de sniper no Rio foi correta, diz especialista em segurança”*<sup>53</sup>, do jornal O Globo, e a *“Agente da SWAT diz que Bope seguiu protocolo em sequestro da Ponte Rio-Niterói e elogia operação”*<sup>54</sup>, do Estadão, entrevistam um agente estadunidense da *Special Weapons And Tactics* (S.W.A.T), traduzido como "Armas e Táticas Especiais", e o ex-comandante do Grupo de Ações Táticas Especiais (G.A.T.E), que desenvolvem operações especiais, assim como o BOPE. Nos textos, são levantadas questões a respeito do tempo esperado para atirar em Willian, estratégias necessárias que antecedem as ações mais violentas, prioridades de salvamento entre reféns e criminosos, dentre outros pontos que demonstram o interesse em não ignorar a ação policial, sem antes compreendê-la.

Apesar de a mídia não explorar a vida de Willian, especificamente, talvez por não ter um histórico midiático como o de Sandro, já no primeiro dia de cobertura do sequestro é perceptível o interesse da grande mídia em abordar informações para além do fato principal. Em teoria, é o que Medina (2003) defende sobre a multicausalidade das coisas e o que Montipó e Farah (2009) reforçam a respeito de ir além dos aspectos factuais e se aprofundar em informações que extrapolam as 20 linhas da notícia. Quando, no fim do dia, O Globo publica a

<sup>52</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/parente-de-sequestrador-de-onibus-na-ponte-rio-niteroi-pediu-desculpas-refens-em-encontro-apos-acao-23890070>

<sup>53</sup> Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,acao-de-sniper-no-rio-foi-correta-diz-especialista-em-seguranca,70002975327>

<sup>54</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/agente-da-swat-diz-que-bope-seguiu-protocolo-em-sequestro-da-ponte-rio-niteroi-elogia-operacao-23890705>

reportagem “*Mãe de sequestrador de ônibus na Ponte foi consolada por pai de vítima: 'A dor é dos dois lados'*”<sup>55</sup>, a narrativa jornalística se torna mais humanizada e demonstra sensibilidade ao mostrar também o lado de uma mãe, que na conclusão de um sequestro, perde um filho, ainda que este seja o protagonista do crime.

No dia seguinte ao crime, 21 de agosto de 2019, a mídia continuou repercutindo a ação do atirador de elite que matou Willian, com matérias explicativas, abordando críticas e divulgando entrevistas com especialistas. O Globo publicou a reportagem “*Fui passar o casaco e perdi o ônibus', diz passageiro que escapou do sequestro na Ponte Rio-Niterói*”<sup>56</sup>. Nela, o repórter Diego Amorim acompanhou o trajeto feito pela linha 2520, 24 horas após o sequestro. No ônibus, ele conversou com o motorista e com outros passageiros, que costumam utilizar o transporte diariamente. A matéria aborda as inseguranças do motorista e dos passageiros, e conta a história de um deles, que se atrasou para sair de casa no dia em que Willian tomou o veículo na Ponte Rio-Niterói e acabou perdendo o ônibus. A ideia de vivenciar a mesma experiência que as pessoas presentes no sequestro aproxima o jornalista da realidade contada por ele. É o que Costa (2009) acredita que estabelece a intimidade mais profunda entre o próprio contexto e quem narra a história, possibilitando uma escrita e uma fala mais sensíveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de jornalismo humanizado explorado neste trabalho é, antes de mais nada, um grande desafio quando experimentado na prática. Ao analisar as reportagens de 2000, o que se percebe é que a partir da morte de Sandro a mídia desperta para problemas já pautados na sociedade, no caso a violência policial. A forma como Sandro foi morto, por asfixia, de maneira covarde, fez com que os jornalistas mudassem o foco no sequestro para criarem uma atenção no fato de que um rapaz, sobrevivente de uma chacina, compreendida por muitos como uma “limpeza social”, acabava de ser morto violentamente pela mesma classe de profissionais que tentaram matá-lo anteriormente. Além disso, Sandro é assassinado fora da vista da imprensa e do público, o que gera inúmeras dúvidas a respeito da motivação e da própria ação da polícia.

---

<sup>55</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/mae-de-sequestrador-de-onibus-na-ponte-foi-consolada-por-pai-de-vitima-dor-dos-dois-lados-23890927>

<sup>56</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/fui-passar-casaco-perdi-onibus-diz-passageiro-que-escapou-do-sequestro-na-ponte-rio-niteroi-23891993>

Nesse período, as reportagens não priorizam a narrativa humanizada, mas sim a urgência da informação. Como consequência, a cobertura midiática delonga no desenvolvimento do discurso que se aprofunda na história de vida do personagem e cria obstáculos no processo de visibilizar o papel de vítima agora atribuído a Sandro.

Apesar das abordagens mudarem ao longo da semana de repercussão do crime, muitos termos pejorativos ainda são utilizados e normalizados na construção do texto. Nos anos seguintes, a grande mídia parece se arrepender da cobertura jornalística do caso e, inclusive, publica matérias especiais sobre o caso, reencontrando personagens importantes do fato. Entre o sequestro de 2000 e o de 2019, foram produzidos dois longas-metragens que contam a história de Sandro. Em 2002, é lançado o documentário *Ônibus 174*<sup>57</sup>, carregado de imagens feitas pela mídia televisiva ao longo das quase quatro horas de sequestro. O documentário também resgata a história do menino que sobreviveu à Chacina da Candelária.

Em 2008, é lançado o filme *Última parada 174*<sup>58</sup>, uma ficção baseada na história de Sandro, desde a infância envolta num contexto de violência. A narração do trailer<sup>59</sup> de pré-lançamento desse filme resume as percepções que tivemos ao longo da análise das reportagens relacionadas ao sequestro de 2000: “Nas ruas do Rio de Janeiro, Sandro do Nascimento sequestrou o ônibus 174 apenas com um revólver. A imprensa contou todas as histórias. A dos reféns, a do capitão, dos atiradores, de todo mundo. Menos a de Sandro”.

Porém, a partir da retratação da mídia, a humanização da narrativa começa a ganhar mais espaço e importância. Quando os veículos de comunicação se deparam com o sequestro em 2019, a comparação com o caso de 2000 é quase instantânea e, por isso, percebe-se a mudança de comportamento na narrativa jornalística de um caso para o outro. A análise das reportagens nos permitiu compreender que a mídia buscou cumprir a humanização da linguagem, apesar das falhas existentes. Nos casos apresentados neste trabalho, é possível

---

<sup>57</sup> Zazen Produções. Lançado em 6 de dezembro de 2002. Direção: Felipe Lacerda e José Padilha. Roteiro: José Padilha, Bráulio Mantovani. Sinopse: “ÔNIBUS 174 narra a história do sequestro de um ônibus em plena zona sul do Rio de Janeiro, filmado e transmitido ao vivo por quatro horas, mobilizando o país. Ao mesmo tempo, mostra a vida do sequestrador, um menino de rua sobrevivente da Chacina da Candelária”.

<sup>58</sup> Lançado em 24 de outubro de 2008. Direção: Bruno Barreto. Roteiro: Bráulio Mantovani. Companhias produtoras: Globo Filmes, Moonshot Pictures, Movie & Art, Lereby Produções e Mact Productions. Distribuição: Brasil Paramount Pictures. Sinopse: “Baseado em fatos reais. Em 2000, Sandro do Nascimento, sobrevivente da Chacina da Candelária, sequestra um ônibus no Rio de Janeiro, mantendo uma mulher sob a mira do seu revólver”.

<sup>59</sup> Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I7In1tc-PQs>

---

perceber que o jornalismo tenta reverter termos e conceitos que fazem parte da sociedade. A redução da pessoa que pratica um crime ao status de “bandido” é um dos principais desafios.

Na cobertura do sequestro da Ponte Rio-Niterói, a mídia precisou inovar em cada reportagem para que o desfecho do sequestro não fosse entendido como um sucesso da ação policial. Ainda assim, esse discurso se faz presente nas entrevistas do governador do Rio de Janeiro, de militares e especialistas. Desta forma, o jornalismo humanizado se vê em confronto direto com os próprios ideais da sociedade e isso se faz presente até mesmo na necessidade de a mídia citar, por exemplo, o passado criminal de Willian, em notícias que abordam uma possível patologia psicológica do jovem e até a influência de importantes casos midiáticos de sequestros internacionais. Ou seja, ainda que no caso de Sandro e de Willian especialistas os vejam como resultado de falhas de políticas públicas do país e do sistema, como um todo, o que se verificou nas narrativas da imprensa é que a sociedade ainda vê essas pessoas como bandidas.

Considerando a abordagem teórica acerca da humanização na prática jornalística, e o conceito de invisibilidade social, analisar cada um dos conteúdos publicados em relação aos dois sequestros nos permite argumentar que a humanização do jornalismo nasce ao lado da possibilidade de transformar o pensamento da sociedade e redefinir as prioridades no que diz respeito à compreensão de atos criminosos. Quando Sandro sai do papel de “bandido” para assumir, perante a mídia, o papel de vítima, é gerado um estranhamento, principalmente se considerado o fato de que Sandro era um rapaz preto, que cresceu em uma favela – ambos são fatores decisivos para invisibilização do sujeito na sociedade, segundo Costa (2008). Entretanto, nas duas coberturas é possível verificar o poder de persuasão da mídia, que gera aceitação social, inclusive para repercutir reportagens que se aprofundam na história dos jovens e tentam desconstruir a redução do indivíduo à imagem única de bandido associada a eles.

Por fim, é necessário, e possível, humanizar a linguagem jornalística e produzir narrativas mais sensíveis, que contem histórias com mais propriedade e profundidade e menos julgamento, para que a profissão vá ao encontro dos sujeitos e indivíduos que protagonizam os fatos e, enfim, promova discursos mais empáticos e relevantes para a sociedade de forma geral, não apenas parte dela. O jornalismo já tem se adaptado a essas novas possibilidades de narrar os fatos, como pudemos perceber na evolução dos textos apresentados neste trabalho. Mas, ainda existem barreiras ideológicas, de tempo e produção, que precisam ser quebradas para que

---

o profissional da comunicação se aproxime verdadeiramente de todas as histórias que o atravessam.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- COSTA, F. B. da. **Moisés e Nilce**: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- IJUIM, J. K. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. **Comunicação Midiática**, Bauru, v. 7, n. 2, p. 117–137, 2012.
- IJUIM, J. K.; SARDINHA, A. C. Algumas meias verdades sobre a narrativa jornalística... e a busca por um jornalismo humanizado. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo, v. 30, n. 51, p. 155-176, 2009.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.
- MONTIPÓ, C.; FARAH, Â.. Relato humanizado no jornalismo: a importância da humanização na narrativa para um jornalismo transformador. *In*: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE MÍDIA CIDADÃ, 5., 2009, Guarapuava. **Anais [...]**. São Paulo: ABPCom, 2009.
- PRIEST, S.H. **Pesquisa de Mídia: Introdução**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2011.
- VIEIRA, T. A. S. Jornalismo no interior - potencialidades éticas e técnicas. *In*: HOHLFELDT, A.; BARBOSA, A. (Org.). **Jornalismo no século XXI: A cidadania**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002. p. 121-133.